

CEMEAD

nov/2016 | <http://educacao.guarulhos.sp.gov.br>



Foto: Vanessa Guedes

Processo de construção do Centro Municipal de Educação a Distância Maria Aparecida Contin: uma história de identidades e trajetórias na busca da qualidade social da educação

**PREFEITURA
DE GUARULHOS**

CEMEAD

Processo de construção do Centro Municipal de
Educação a Distância Maria Aparecida Contin: uma
história de identidades e trajetórias na busca
da qualidade social da educação



CEMEAD: oportunidade de aprender de forma colaborativa

A Secretaria de Educação vem dando importantes passos para integrar a tecnologia da informação à educação. Nesse sentido, apresentamos a Revista do Centro Municipal de Educação a Distância Maria Aparecida Contin – CEMEAD, que demonstra a trajetória do Programa de Formação Permanente na modalidade a Distância.

A iniciativa faz parte do Programa Escola Digital, que possibilitou a ampliação do espaço de formação continuada dos profissionais do magistério da Rede Municipal.

Criado em 2014, o CEMEAD é parte de um conjunto de ações desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação que vem contribuindo em diversos aspectos para a

melhoria da qualidade social da Educação na Rede Municipal.

Assim, a SE deu um passo significativo na política de valorização do quadro do magistério, por meio da elaboração da Lei Municipal nº 7.274/2014 e sua regulamentação pelos Decretos Municipais nº 32.216/14 e nº 32.999/15, com orientações em relação ao cumprimento das duas novas jornadas de trabalho.

O CEMEAD leva o nome da professora Maria Aparecida Contin, uma personagem importante na construção do Projeto Político-Pedagógico da Rede, que se dedicou durante 12 anos à assessoria de inúmeros espaços formativos e à construção da Proposta Curricular Quadro de Saberes Necessários, o QSN.



Essa publicação contempla os objetivos de 12 eixos de formação, nos quais os cursos estão estruturados, bem como artigos de profissionais, relatos de práticas, experiências e depoimentos de pessoas envolvidas com formação à distância.

O CEMEAD inaugura um novo modelo de aprendizagem colaborativa, no qual os participantes têm a oportunidade de ser corresponsáveis pela sua própria formação.

É importante lembrar que trabalhamos pelos alunos e é por eles que desenvolvemos projetos e programas. Nosso empenho e dedicação em nos formar vão refletir decisivamente na aprendizagem das crianças e nos fornecer

importantes indicativos para fazermos da escola um ambiente cada vez melhor.

Socializar com todos vocês as experiências do CEMEAD é também uma forma de compartilhar conhecimentos e aprendizagens. É mais uma importante contribuição da Secretaria de Educação que vem potencializar o processo de ensino-aprendizagem na Rede Municipal. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Um forte abraço!

Prof. Moacir de Souza
Secretário Municipal de Educação

Uma história de identidades e trajetórias

“Ergueu no patamar quatro paredes mágicas, tijolo com tijolo num desenho lógico” - Chico Buarque

Falar do processo de construção do CEMEAD é refletir sobre a importância de elaborar políticas públicas para a formação permanente de professores, principalmente no contexto atual, quando a tecnologia passa a ser também uma ferramenta de inclusão social.

Nosso desafio era, literalmente, tirar o QSN da estante, a fim de propiciar aos educadores a compreensão efetiva da Proposta Curricular da Rede Municipal.

Tudo começou em abril de 2014, durante encontro de apresentação do eixo Programa de Tecnologia Educacional da Secretaria de Educação, que consistia em várias ações, dentre as quais, o Programa Escola Digital.

A criação da modalidade de educação a distância atenderia a formação em serviço prevista nas duas novas Jornadas Pedagógicas de Trabalho Parcial e Integral.

Para tanto, foi instituído um grupo de trabalho com cinco profissionais da SE: Andrea Oliva Freire Pereira, Andreia Gomes da Costa,

Márcia Ota e Regina Aparecida Fernandes Basto Alves e eu, Clarice Simplício de Lacerda. Nosso propósito considerou as diferentes trajetórias em relação à formação de professores e o envolvimento com os programas de tecnologia no processo ensino-aprendizagem.

Quando recebemos o convite do nosso então Secretário de Educação, Professor Moacir de Souza, para coordenar o projeto, iniciamos um processo de pesquisa intensa de documentos, como o Salto para o Futuro, do Ministério da Educação, livros e projetos educacionais em EaD.

A partir daí, o projeto foi se constituindo tendo como organização didático-pedagógica 12 eixos de formação pautados no QSN, uma estrutura com Coordenadores, Professores-Tutores, Equipe de Suporte Administrativo-Pedagógico e Tecnológico, Coordenação Geral e Assessoria Pedagógica, responsáveis pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação dos cursos.

A entrega do CEMEAD foi a realização do grande sonho de formar professores melhores, alunos melhores e com isso contribuir de forma efetiva para a formação de uma sociedade mais humana e mais justa.

O CEMEAD já nasceu grande: em 2014, eram aproximadamente 2 mil alunos-educadores; hoje, já são cerca de 3.600 matriculados, número proporcional ao tamanho da nossa Rede, que soma 140 Escolas da Prefeitura, onde estudam 116 mil alunos e trabalham 6 mil educadores.

Para que a formação pudesse ajudar de fato os cursistas, selecionamos profissionais que tinham em sua trajetória afinidade com o tema ou com o eixo de formação, conhecimento do projeto pedagógico, dedicação e o comprometimento com a educação pública.

A parceria com o Departamento de Planejamento e Informática na Educação foi outro aspecto relevante, pois realizávamos reuniões semanais com o objetivo de criar

o Ambiente Virtual de Aprendizagem na Plataforma Moodle, para que o acesso fosse de fácil manuseio, possibilitando aos educadores o desejo de continuar aprendendo.

Durante todo esse processo recebemos também as visitas dos professores José Cerchi Fusari, Bette Prado e Mary Grace Andrioli, que ofereceram diálogos e reflexões importantes sobre a modalidade de Educação a Distância.

Para nós, são momentos muito significativos, pois reafirmaram mais uma vez a perspectiva inclusiva do nosso projeto político-pedagógico e o respeito aos tempos de aprendizagem dos educadores.

Temos a clareza que todos nós estamos num movimento de construção coletiva em que os avanços e os desafios estão presentes em nosso cotidiano e vão continuar nos movendo, sempre, para novos caminhos.

Clarice Simplício de Lacerda
Coordenadora geral do CEMEAD



Sumário

Foto: Vanessa Guedes

- 13** Para trabalhar no coletivo é preciso conquistar as pessoas
- 33** Educação a distância - novas perspectivas, superação de desafios e a ressignificação da prática formativa
- 47** O fazer e o pensar sobre o fazer





Para trabalhar no
coletivo é preciso
conquistar as
pessoas



A memória é uma ilha de edição.

Nasci sob um teto sossegado,
meu sonho era um pequenino sonho meu,
na ciência dos cuidados fui treinado.
Agora, entre o meu ser e o ser alheio,
a linha de fronteira se rompeu...

Waly Salomão



Para trabalhar no coletivo é preciso **conquistar** as pessoas

Respeitar a integralidade dos sujeitos. Considerar o aluno em processo de aprendizagem constante. Promover um diálogo com a prática. Essas são as metas fundantes da concepção político-pedagógica que norteiam os 12 eixos de formação dos alunos-educadores.

Para atender aos pressupostos formativos da Rede Municipal, esse processo de construção considerou, sobretudo, o professor como um adulto em processo de aprendizagem.

“Uma política educacional pautada no sujeito em seus diferentes tempos da vida e que atendesse não somente ao aspecto cognitivo, mas também afetivo, estético, político, exigiu uma formação voltada para todas as dimensões humanas. Foi assim que chegamos ao QSN”, lembra a coordenadora geral do CEMEAD, Clarice Simplicio Lacerda.

O QSN respondeu a importantes questões que deveriam permear a formação

continuada dos professores, tanto na organização do curso em eixos e nos recortes de grandes áreas do conhecimento quanto na promoção de um diálogo permanente com a prática pedagógica.

Assim, alguns conteúdos dizem respeito à própria Proposta Curricular, como Artes, Corpo e Movimento, Autonomia e Identidade. Outros, são denominados eixos estruturantes e envolvem temas como: a Educação de Jovens e Adultos, Tecnologia, Educação Inclusiva e Gestão Pedagógica, conhecimentos básicos para o entendimento da concepção da Rede Municipal.

No contexto da Política de Formação Permanente que se reafirma por meio da Educação a Distância, o CEMEAD se constitui como importante ferramenta de inclusão digital e social, uma forma de fazer que se diferencia pela proximidade e contato direto entre as pessoas. É o que vamos ver retratado ao longo das próximas páginas.

Quando a **Arte** impregna a vida

“Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para poesia.” - **Manoel de Barros**

Adriana liga a câmera. Olha para um lado, para o outro. Ao fundo, a 5ª Sinfonia de Beethoven convida a experimentar sensações. Com movimentos ritmados, ela levanta os braços e se rende. Fez de um lenço o seu par. Dentre as formas de registro, ela podia escrever uma poesia, fotografar, fazer uma animação. Ela decidiu dançar.

A atividade do eixo O Educando e as Artes que permitiu que a aluna-educadora Adriana Aparecida Bovo Spessoto Macarenha se entregasse à proposta sugeria a representação de suas percepções artísticas sobre o curso e os conhecimentos que pôde construir ao longo dessa trajetória.

As tutoras Talita de Araújo Correia e Vanessa Guedes de Oliveira falam sobre conceitos caros à formação oferecida pelo CEMEAD, encontros que são plenos de movimentos de percepção e impregnação: “Quando você tem uma paixão, quando faz as coisas por prazer, quando experimenta e vivencia diferentes linguagens, é

exatamente aí que o aprendizado tem outro valor, torna-se bem mais interessante e significativo”, destaca Talita.

Mergulhadas em pensamentos e ideias envolventes, permeadas sobretudo por muito estudo e dedicação para entender o modo como o aprendizado se desenvolve no ambiente virtual, Talita e a equipe revelam que um dos objetivos do curso é permitir apaixonar-se e despertar para as manifestações artísticas e culturais.

“Para isso, é necessário experimentar o conceito de arte por meio do corpo, para então realizar vivências em algumas linguagens”, observa Vanessa.

A proposta de que o aluno-educador possa vivenciar a Arte por meio de experimentações potencializa a concepção de que aprendemos com a mente e com o corpo: “*esse entendimento nos faz seguir por um caminho metodológico que passeia pelo conceito de Arte e pelas manifestações artísticas. Experimentar a Arte leva à impregnação necessária para que os alunos-educadores possam trabalhar com seus educandos com a verdade dessa concepção*”, explica Talita.

A **Tecnologia** como forma de intervenção no mundo

Colocar certezas à prova, sair da caixinha, vivenciar algo novo e acreditar no poder transformador. Experimentar a Arte e considerar os saberes relacionados à fruição, à contextualização e o fazer artístico, amplia percepções e reflexões sobre as práticas. A sala de aula é, sem dúvida, um lugar de muita magia.

“Arte é muito mais do que uma atividade para eu chegar a um objetivo. A Arte é uma área do conhecimento e ela tem elementos próprios para se trabalhar em cada uma das linguagens artísticas, as Artes Plásticas, o Teatro, a Dança e a Música”, pontua a coordenadora do eixo Marcilene de Jesus Elvira Silva.

Os tutores tiveram também que mobilizar suas experiências para vencer importantes questões: como levar aos alunos-educadores vivências relacionadas às diferentes linguagens artísticas num contexto de formação a distância? Como sensibilizar as pessoas sem ter o olho no olho, sem estar fisicamente próximo, sem poder sentir o toque do outro? Num ambiente de formação virtual, as demandas formativas e os desafios se diferenciam dos espaços presenciais.

As tecnologias digitais estão presentes em nosso cotidiano e por isso faz muito sentido que a área da educação trate de sua influência na maneira de pensar, sentir e agir da sociedade.

Com foco na perspectiva de humanização das relações no uso que é feito de tais tecnologias na escola, quais seriam, então, as possíveis mediações pedagógicas para o equilíbrio entre o tecnológico e o humano?

Essa é uma dentre tantas questões que se impõem ao eixo Tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, que além de aprofundar os conceitos do universo digital e suas implicações no desenvolvimento integral dos alunos, coloca o professor diante das principais transformações desse campo.

Enquanto eixo, a expectativa é construir um espaço de reflexão e troca de conhecimentos e experiências, para que o pensar sobre as tecnologias e seu uso possam estar cada vez mais a serviço da humanização.

“Percebi que tinha uma ideia errada sobre recursos tecnológicos até iniciar este curso. Temos muitas ferramentas à nossa disposição há muito tempo e com o passar dos anos, a humanidade só as aprimora e cabe a nós como professores utilizá-las do melhor modo possível em sala de aula, buscando sempre o aprendizado significativo dos nossos alunos”.

O Eu, o outro, o outro Eu, o outro outro. *Todos em processo*

O depoimento da aluna-educadora Gisele Simão de Almeida Cruz aborda atividade conceitual da unidade Tecnologia no Cotidiano, sobre os recursos tecnológicos utilizados em seu período de escolarização na Educação Básica.

Essa atividade permitiu, a exemplo da reflexão de Gisele, que os alunos-educadores pudessem lançar um olhar diferenciado sobre os processos de ensino aprendizagem, a partir de suas próprias vivências enquanto educando e educador.

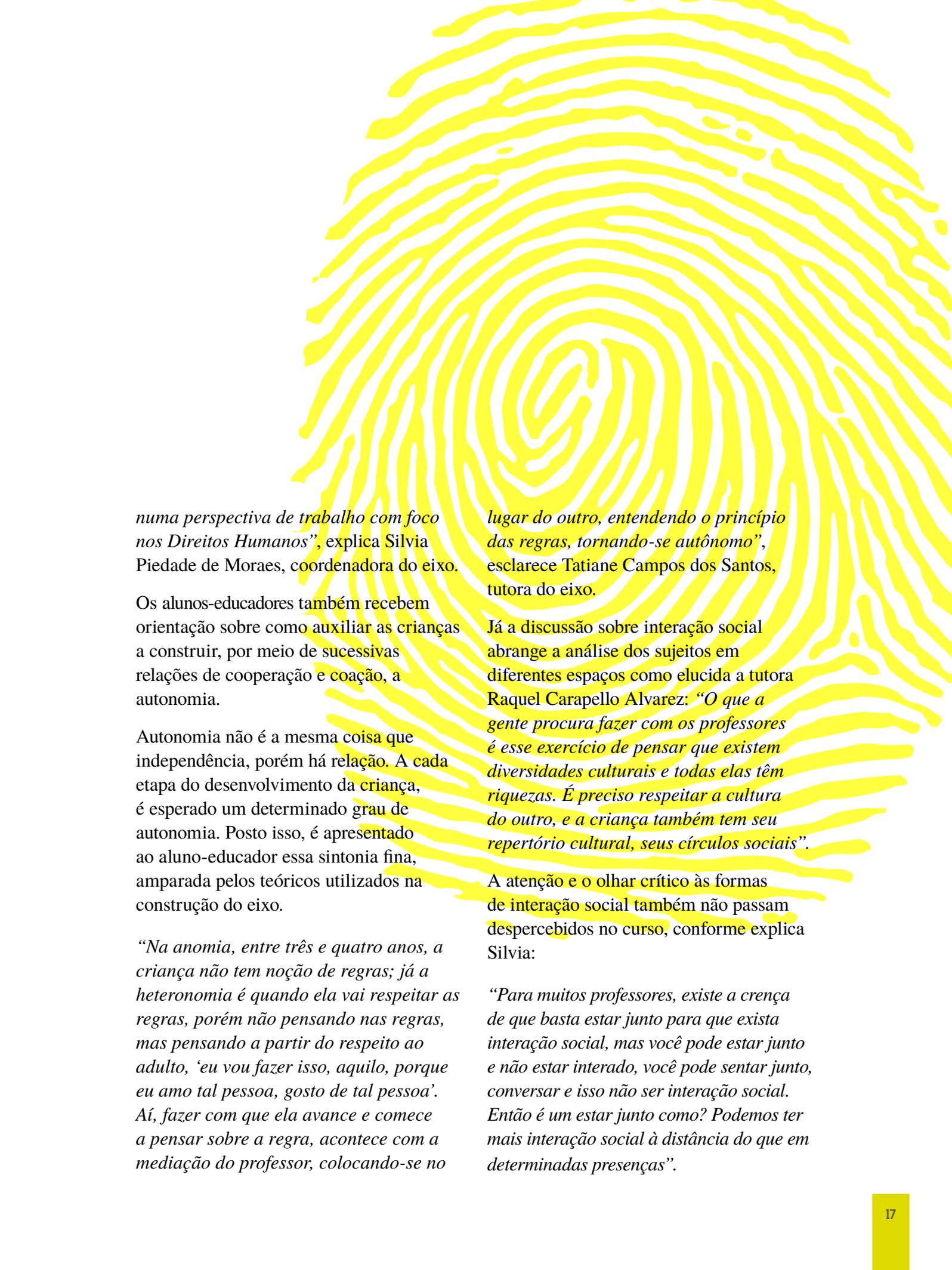
Para os tutores Carlos Eduardo Santos Ribeiro, Luciana Lima Caliente Souza e Débora Filomeno, a perspectiva humanizadora da tecnologia abriu espaço para diversas reflexões com os alunos-educadores do CEMEAD. Andreia Gomes da Costa, coordenadora do eixo, fala sobre alguns desses desdobramentos:

“Podemos perceber o quanto o curso realizado no CEMEAD possibilitou um repertório bem significativo e a clareza de que os equipamentos estão na escola a serviço de todos, mas o que faz a diferença é o uso com objetivos bem definidos e com foco na aprendizagem”.

Por meio do eixo Identidade, Autonomia e Interação Social, o CEMEAD proporciona aos alunos-educadores a reflexão de questões essenciais para o desenvolvimento pedagógico realizado nas salas de aula. O curso tem como proposta revisar os conceitos de identidade, autonomia, interação social e afetividades a partir dos postulados de Vygotsky, Piaget e Wallon e seus desdobramentos na Concepção de Educação e na Proposta Curricular - Quadro de Saberes Necessários, da Rede Municipal de Guarulhos.

Assim, os alunos-educadores compreendem que se eles estão propensos a mudanças comportamentais, os alunos também estão e, dessa forma, não podem ser estigmatizados, pois as identidades estão em constante construção.

“De qual identidade estamos falando? Estamos falando de uma identidade que não cessa, que está sempre em movimento e que valoriza a diferença das pessoas. Isso é importante para que o professor entenda que os alunos não podem ser estigmatizados, questão fundamental



numa perspectiva de trabalho com foco nos Direitos Humanos”, explica Silvia Piedade de Moraes, coordenadora do eixo.

Os alunos-educadores também recebem orientação sobre como auxiliar as crianças a construir, por meio de sucessivas relações de cooperação e coação, a autonomia.

Autonomia não é a mesma coisa que independência, porém há relação. A cada etapa do desenvolvimento da criança, é esperado um determinado grau de autonomia. Posto isso, é apresentado ao aluno-educador essa sintonia fina, amparada pelos teóricos utilizados na construção do eixo.

“Na anomia, entre três e quatro anos, a criança não tem noção de regras; já a heteronomia é quando ela vai respeitar as regras, porém não pensando nas regras, mas pensando a partir do respeito ao adulto, ‘eu vou fazer isso, aquilo, porque eu amo tal pessoa, gosto de tal pessoa’. Aí, fazer com que ela avance e comece a pensar sobre a regra, acontece com a mediação do professor, colocando-se no

lugar do outro, entendendo o princípio das regras, tornando-se autônomo”, esclarece Tatiane Campos dos Santos, tutora do eixo.

Já a discussão sobre interação social abrange a análise dos sujeitos em diferentes espaços como elucidada a tutora Raquel Carapello Alvarez: *“O que a gente procura fazer com os professores é esse exercício de pensar que existem diversidades culturais e todas elas têm riquezas. É preciso respeitar a cultura do outro, e a criança também tem seu repertório cultural, seus círculos sociais”.*

A atenção e o olhar crítico às formas de interação social também não passam despercebidos no curso, conforme explica Silvia:

“Para muitos professores, existe a crença de que basta estar junto para que exista interação social, mas você pode estar junto e não estar interagido, você pode sentar junto, conversar e isso não ser interação social. Então é um estar junto como? Podemos ter mais interação social à distância do que em determinadas presenças”.



Foto: Vanessa Guedes

Contranarciso

em mim

eu vejo o outro

e outro

e outro

enfim dezenas

trens passando

vagões cheios de gente

centenas

o outro que há em mim

é você, você e você

assim como

eu estou em você

eu estou nele

em nós

e só quando

estamos em nós

estamos em paz

mesmo que estejamos a sós

Paulo Leminski

Conteúdo digital voltado para os **Direitos Humanos**

“Que preto, que branco, que índio o quê? Aqui somos mestiços mulatos, cafuzos pardos tapuias tupinamboclos, americarataís, yorubárbaros. Somos o que somos: inclassificáveis.” – **Arnaldo Antunes**

Educar para o respeito à diversidade humana. O eixo Educação Inclusiva na perspectiva dos Direitos Humanos busca ressignificar conceitos e preconceitos em relação à cultura de inclusão escolar.

“No início, muitos procuraram o curso, buscando estratégias educativas para lidar com alunos com deficiências, mas logo perceberam, pelo tom da nossa proposta, a complexidade e a importância do eixo. Principalmente, porque quando se fala em inclusão estamos falando de qualquer pessoa em situação de exclusão social, vulnerabilidade, o que também abrange as questões étnico-raciais, dos alunos estrangeiros e com deficiência”, destaca a tutora Edlaine Baraúna Leite.

A coordenadora do eixo Maria Betânia de Alcântara Ribeiro Silva explica que o curso também busca trazer informações sobre os aspectos históricos e legais da

Inclusão Escolar, bem como possibilitar reflexões sobre ações pedagógicas que promovam o acesso aos saberes e a equidade de oportunidades a todos.

“Em vista da saída da Silvana Lumiko Yamabuchi, eu assumi o eixo e sinto que ela teve um papel muito importante na elaboração do curso e principalmente em relação à concepção, decorrente da sua experiência de 30 anos na área e no NAE – Núcleo de Apoio Educação Alice Ribeiro, voltado para o atendimento terapêutico educacional”.

Betânia completa dizendo que o curso é reflexivo, ajuda os profissionais a pensarem sobre o desafio da construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

“Sabemos que o fato de incluirmos o aluno fisicamente não garante que ele esteja sendo valorizado em toda a sua multiplicidade. Por meio da nossa proposta, esse desafio é discutido e refletido constantemente pelos alunos, porque não basta tornar o ambiente inclusivo é importante que o professor adquira uma atitude inclusiva”, completa.



Possibilidades e perspectivas de **Avaliação**

“O presente é formado pelo passado, mas sempre cabe uma nova reflexão sobre o fazer, no caso, o método avaliativo. Numa sociedade em constante movimento, professores e alunos são diferentes de outros tempos”, destaca Maiara Ariana Silva Paula, tutora do eixo Avaliação Educacional. “Nesse sentido fazemos um balanço sobre metodologia, novas concepções, a empatia e o entendimento do ponto de vista do aluno”.

O método avaliativo faz parte do processo ensino-aprendizagem, pois possibilita a auto-avaliação do docente. Desta forma, trata-se da oportunidade de ressignificar a prática pedagógica.

“Para tanto, o eixo Avaliação Educacional apresenta o caderno de orientações para preenchimento do Registro Síntese, com base no QSN. Diversas questões são abordadas no decorrer do curso”, como explica Ana Célia da Silva Prudente, coordenadora do eixo.

De acordo com a proposta, a avaliação deve acontecer pautada no desenvolvimento humano, respeitando

os tempos da vida. Para ampliar as possibilidades avaliativas, um dos objetivos do curso é apresentar aos alunos-educadores estratégias de avaliação. Para a autora Jussara Hoffmann, por exemplo, a avaliação é a reflexão transformada em ação, “não podendo ser estática nem ter caráter sensitivo e classificatório”.

As atividades realizadas no eixo sensibilizam o profissional e aumentam o leque de conhecimento do aluno-educador acerca do assunto, como destaca Maiara:

“A atividade 1 é um relato de memória, o cursista conta como era avaliado na escola nos tempos de criança. Assim, o professor, por meio dessa viagem no tempo, demonstra as formas como foi avaliado no período de escolarização e, posteriormente na devolutiva, fazemos a ponte para que o cursista consiga refletir sobre as práticas avaliativas”.

Além das atividades, são organizados fóruns onde os alunos-educadores podem debater suas práticas com os demais, enriquecendo seu aprendizado.



A **Sala de Aula** como centro da escola

Para avaliar e transformar o presente é preciso refletir o passado. Essa foi a estratégia escolhida pela equipe de tutores do eixo do curso Gestão Pedagógica, que traz em seu cerne um panorama histórico das diversas tendências pedagógicas mundiais.

“A ideia, a priori, desse resgate histórico é auxiliar na fundamentação e na reflexão dos gestores em relação à concepção pedagógica adotada pela escola e refletir a importância da sua atuação para além das demandas administrativas cotidianas”, destaca Djenane Martins Oliveira, coordenadora do eixo Gestão Pedagógica.

A coordenadora, que atua há 21 anos na Rede Municipal, entre sala de aula

e gestão, explica ainda que o curso privilegia conteúdos importantes do cotidiano escolar como gestão de pessoas, metodologias de ensino, a relação com a comunidade e a organização dos espaços escolares.

“Toda ação administrativo-pedagógica que o gestor adota, reflete uma intencionalidade pedagógica. Desde a disposição das crianças em sala de aula, à maneira como a comunidade é recebida no espaço escolar. Por isso, buscamos na tutoria aplicar atividades que possibilitem um olhar amplo para a concepção da Rede Municipal e sua possibilidade prática. Por exemplo, analisando como se dão as relações de poder e as suas possibilidades de ressignificação”, destaca.



Na minha vida de professora-estudante, não via como o Ensino a Distância poderia me ajudar profissionalmente. Sempre pensei que estudar por meio da internet não ajudaria a ninguém. Meu pensamento estava totalmente errado. Sinto que com esse curso estamos sendo mais valorizados.

Diva Eduardo Di Mitri - EJA 1



Velhas tecnologias e (velhas) formas de ensinar

Mary Grace Andrioli

A tecnologia está cada vez mais variada e disponível, porém com ela vem a questão: que tipo de aprendizado proporcionamos aos nossos jovens?

No cotidiano da escola, a cada dia há uma inovação: netbooks, lousas digitais, tablets. Com esses aparelhos, surge a promessa de maior interatividade para a melhoria da educação.

Mimeógrafo? Há professores da nova geração que nunca viram um e há os que fazem careta, dizendo que este recurso está ultrapassado. Será? Cada vez mais fico convencida de que ultrapassada mesmo está a nossa forma de trabalhar, mas alguém tem que ser culpado e nada como culpar um objeto ou a falta de recursos, quando não temos toda a pirotecnia do século 21.

Quando eu lecionava, havia um recurso ainda mais desconhecido pelos professores, chamado episcópio. Este aparelho pouco utilizado era uma herança das escolas estaduais, presente também em algumas escolas municipalizadas. Gostava muito de utilizá-lo para compartilhar as produções dos alunos e discuti-las coletivamente.

Era só colocar o material na máquina e projetá-lo na parede. A imagem a seguir exhibe um modelo bastante antigo (dos anos 1950), porém útil para ilustrar a funcionalidade do episcópio: Ele era pesado e dava um certo trabalho carregá-lo até a sala. Além disso, era preciso deixar o local bem escuro para que a reprodução funcionasse bem.

Mary Grace Andrioli

Doutoranda e mestre em Educação e Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP, docente e pesquisadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e coordenadora do projeto Acessibilidade TIC: Acessibilidade ao currículo por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.



Foto: Divulgação

Mas *valia* *muito* a pena!

Sempre que os alunos produziam textos, por exemplo, eu escolhia alguns e todos da turma tinham que deixar contribuições para melhorá-los. Também deviam destacar o que achavam mais interessante na produção dos colegas.

Depois, todos refaziam seus textos e discutíamos novamente os avanços. A discussão coletiva muitas vezes contribuía não apenas com a produção que estava sendo analisada, mas trazia elementos para que cada aluno melhorasse seu próprio trabalho. Muitas vezes comparávamos também o antes e o depois.

Um recurso mais conhecido com semelhante função é o retroprojektor. Este, porém, geralmente depende da produção de transparência feita pelo professor, tornando a aula mais expositiva. Na minha turma, os próprios alunos sabiam manusear o episcopio e adoravam.

Quando não faziam lição de casa, sentiam muito na hora que viam os colegas projetando suas tarefas para a turma. Alguns até pediam para

fazer algo na hora para que pudessem participar da apresentação.

Outro equipamento que teve vida longa nas escolas – e ainda sobrevive, em muitas – é o mimeógrafo. Quando lecionava, cheguei até a comprar uma impressora matricial para facilitar a elaboração de aulas, uma vez que não tínhamos cotas de xérox nem exemplares de livros didáticos para todos os alunos. Nem sempre dá para depender apenas da lousa.

Sempre achei importante que os alunos tivessem mais tempo para pensar. Bem, e pensar não significa fazer cópias e mais cópias do quadro. O mimeógrafo de certa forma poupava-os da tarefa de “copistas” e me permitia compartilhar com eles textos e atividades.

O uso mais significativo do mimeógrafo que conheço foi citado em “A paixão de conhecer o mundo”, de Madalena Freire. No livro, a autora sugere que o educador não “passe atividades” para os alunos, mas proponha que eles mesmos elaborem tarefas e as façam rodar na classe.

Oras, é possível sim desenvolver atividades com sentido social que coloquem os alunos no papel de protagonistas, mesmo usando apenas mimeógrafo!

Quantas coisas mais poderiam ser feitas com um recurso tão simples e de baixo custo?

Não há dúvidas de que hoje tudo é mais fácil e rápido, sem contar a qualidade da apresentação e o potencial de socialização não somente dentro da escola, mas por meio da web.

Hoje, dotados de impressoras, aparelhos de datashow, lousas digitais, netbooks, que tipo de atividades estamos promovendo? Sem dúvida estas tecnologias apresentam um potencial de inovação muito grande, mas sozinhas são incapazes de transformar a educação.

Vale a pena refletirmos sobre as inovações que fazíamos antes dessas tecnologias. Os mais velhos têm, inclusive, muito para contribuir e pensar: o que fazíamos antes, quais princípios

pedagógicos tínhamos e como podemos nos superar? O que nos impede de inovar, quando existem tantos recursos ao alcance? E o que nos impede de inovar quando não há tantos recursos disponíveis?

Algumas (velhas) formas de ensinar já seriam inovadoras se fossem colocadas em prática atualmente, com as tecnologias que dispomos!

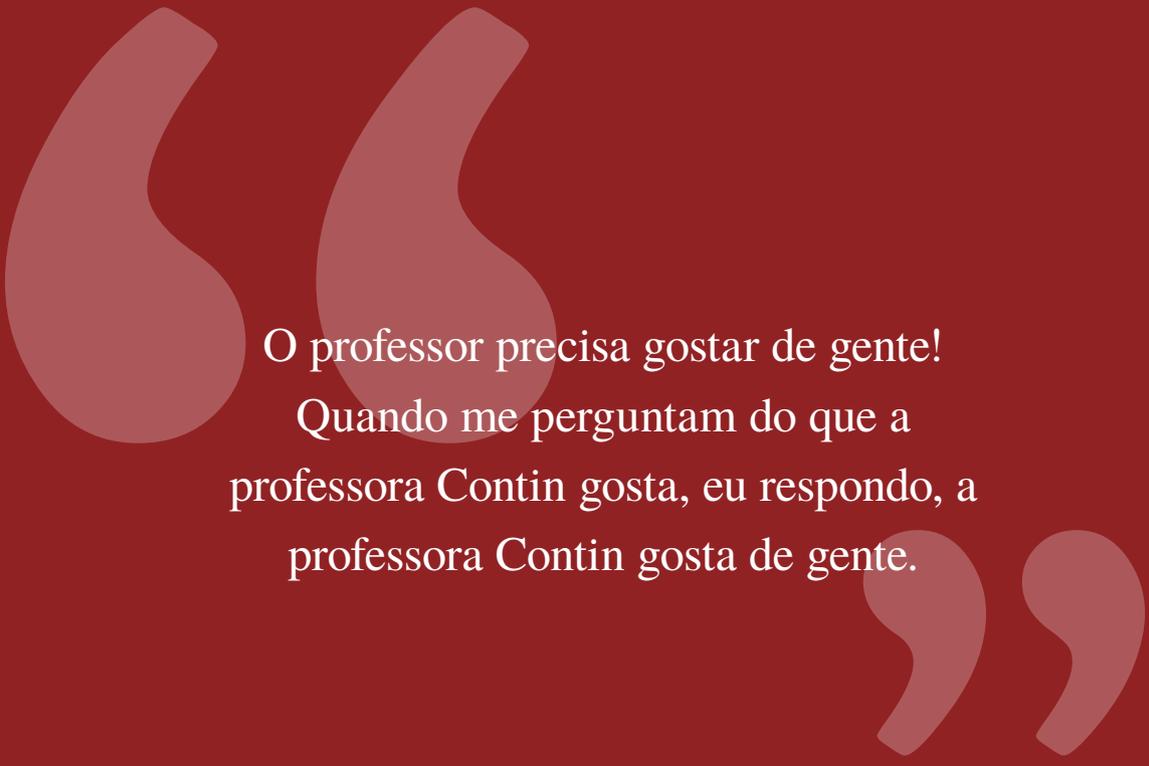
Você sabia? O pedagogo francês Célestin Freinet (1896/1966) produzia jornal com os alunos utilizando a prensa escolar, engajando-os na produção de algo significativo, que os motivava a aprender. As crianças compunham os textos, discutiam e faziam sua edição em pequenos grupos. Era mais difícil produzir jornal dessa forma do que com uma máquina de escrever.

Professora Contin, mestra, mente e **coração**

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre.
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
de ter fé na vida.

Milton Nascimento





O professor precisa gostar de gente!
Quando me perguntam do que a
professora Contin gosta, eu respondo, a
professora Contin gosta de gente.

Simples, direta, racional e extremamente afetiva. Quem viveu e trabalhou com a professora Contin consegue se lembrar com carinho de muitas de suas célebres frases, sempre entoadas em momentos de profunda paixão durante os espaços formativos e nos encontros com os profissionais da educação.

Contin foi uma mulher que dedicou sua vida ao ato de educar. Ativista política, participou de movimentos sociais e nunca deixou de acreditar na liberdade e no direito do outro: *“O tempo que eu não estava na escola, eu estava articulando, planejando ações e na rua contra a ditadura”*, contava irradiante.

Ela lutou a vida toda por direitos sociais iguais para homens e mulheres, considerando as diferenças de cada um, pois, segundo ela, ser homem e ser mulher é algo que vai se constituindo culturalmente, não está apenas atrelado à questão da sensibilidade, mas ao modo de ver o mundo, nas diferentes maneiras, cores e lentes que cada um tem.

“A importância da mulher na educação é fundante, por conta de como ela vê o mundo, e sinto falta de mais homens atuando, por conta da complementaridade de visões que podem ser fortalecidas a partir da diversidade de gênero”.

Para Contin, esses diferentes olhares enriquecem a luta pela garantia dos direitos sociais, potencializando o trabalho docente nas dimensões políticas e pedagógicas.

No processo formativo dos professores, Contin sempre considerou a relação teoria e práxis, já que a tematização das práticas e os problemas que os profissionais enfrentam, no exercício da profissão docente, necessitam de explicações teóricas que elucidem e apontem caminhos para a superação dos problemas.

“Mestres precisam ter postura humana (saber ouvir). Mestres precisam ter dedicação e estudos, pois, não somos donos da verdade”, nos lembrava Contin, a todo momento.

Contin sempre ressaltou a importância da identidade e a trajetória dos professores. Para ela, o professor precisa ser sujeito de sua própria formação e, por isso, o espaço de formação deve ajudá-lo a se (re) conhecer e ter uma responsabilidade social com a qualidade da escola pública.

“Aprendi e ensinei muito, porque não há aprendizagem sem ‘ensinagem’ e vice e versa. Tenho a certeza de que toda a Rede vai continuar trabalhando, com o as atenções voltadas para o aluno e pelo seu direito a uma educação com qualidade social. Que aprenda muito e conheça seus direitos, que saiba de seus deveres e que, seja ele quem for, possa ser feliz, pois nós nascemos para a felicidade”.

A professora Contin, mestra, mulher, mente e coração, sempre nos inspirou e continuará a nos inspirar, tanto na justa homenagem ao CEMEAD quanto nas reflexões do dia a dia.



**Educação a distância
- novas perspectivas,
superação de desafios
e a ressignificação da
prática formativa**



Na minha vida de professora-estudante, não via como o Ensino a Distância poderia me ajudar profissionalmente. Sempre pensei que estudar por meio da internet não ajudaria a ninguém. Meu pensamento estava totalmente errado. Sinto que com esse curso estamos sendo mais valorizados.

Diva Eduardo Di Mitri - EJA 1



Educação a distância - novas perspectivas, superação de desafios e a ressignificação da prática formativa

O Moodle é um software livre. A plataforma é desenvolvida de forma colaborativa por uma comunidade virtual e admite alterações. No caso do CEMEAD, o Moodle veio atender à necessidade de uso de uma ferramenta prática e didática, com conceitos que foram adaptados de acordo com a concepção da Rede Municipal.

Oito meses de trabalho intenso. Foi esse o tempo que o Grupo de Trabalho da Escola Digital responsável pela customização levou para adequar a Plataforma Moodle às necessidades do CEMEAD.

“Quando tudo começou, não tínhamos noção do tamanho do projeto; conforme nos envolvíamos na customização, desenvolvimento e integração da Plataforma, na elaboração de ferramentas e de recursos, percebíamos o quanto a proposta era grande e ousada”, recorda o desenvolvedor Fellipe Domingos Mazzola Miserani Belardino.

Foram muitas reuniões e inúmeras versões até que o resultado atual fosse

Você sabia? Moodle quer dizer Modular Object Oriented Distance Learning e é uma plataforma utilizada no suporte à Educação a Distância, inclusive na formação de professores.

alcançado, um grande desafio para a equipe técnica, o que os fez acumular valiosa experiência.

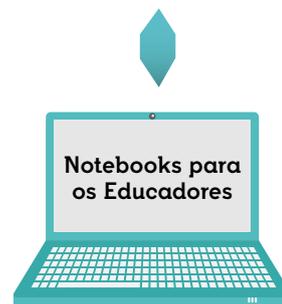
O sistema é todo integrado; desde a inscrição e os relatórios gerados pelas atividades ao ponto eletrônico e a certificação que pode ser impressa pelo aluno-educador sem a necessidade que ele venha até a SE.

O diretor do Departamento de Planejamento e Informática da Educação – DPIE, Carlos Eduardo da Silva, conta que o principal desejo da SE era cumprir um dos eixos do Programa de Tecnologia



Infraestrutura de Rede Internet com conectividade por fibra óptica para atender as Escolas da Prefeitura e CEUs

- Novos Equipamentos
 - Laboratórios
 - Mesa Educacional
 - Kits Tecnológicos
 - Lousa Digital



Educacional no Processo Ensino-Aprendizagem, democratizando, assim, o acesso à formação em serviço ao maior número de educadores.

“Antes do CEMEAD, a Secretaria já tinha iniciado o processo de cabeamento de fibra óptica, modernização de computadores e equipamentos e a definição do Data Center. Com o Programa Escola Digital, demos um grande salto para a utilização das novas tecnologias na sala de aula: entregamos notebooks aos professores, instalamos kits multimídia nas salas de aula e criamos o Sistema de Gestão Pedagógica, que auxilia o professor na elaboração e planejamento de aulas. Hoje, tudo aquilo que era preenchido manualmente é feito diretamente no sistema, o que dá mais agilidade e transparência ao projeto. Só faltava o desenvolvimento dos softwares, que concretizamos com o Moodle”, reforça o diretor Carlos Eduardo.

A grande expectativa em relação ao Moodle foi a primeira aula dos alunos-educadores, já que tudo era desconhecido e novo e todos tinham dúvidas de como a Plataforma iria se comportar.

Nesse sentido, o acompanhamento e monitoramento da ferramenta oferecido pelo DPIE e a dedicação integral da equipe ao CEMEAD foram fundamentais para o sucesso da Plataforma.

“Eu acredito que a customização da Plataforma Moodle pela SE, um processo colaborativo que envolveu o DPIE e o CEMEAD, fez toda a diferença. Se não fosse pelo envolvimento de todos, não teríamos alcançado o resultado a que chegamos”, esclarece o analista Fellipe.

O trabalho desenvolvido pelo DPIE e a tecnologia desenvolvida para adequar o Moodle ao CEMEAD já ganhou repercussão para além da SE e despertou interesse da Secretaria de Administração e Modernização e do Departamento de Informática e Telecomunicações da Secretaria de Governo.

Categorias de Cursos

- ▼ **O Educando e a Linguagem Matemática**
 - ▷ Um Passeio pela Linguagem Matemática: Revisitando (8)
 - ▼ **O Educando em seu processo de Comunicação e Escrita e Letramento**
 - ▷ A Comunicação além das Palavras (8)
 - ▼ **O Educando e os Saberes relativos a Natureza e**
 - ▷ Prática Docente no Eixo Natureza e Sociedade (7)
 - ▼ **O Educando e as Artes**
 - ▷ Percepção e Impregnação: O Contato com Expressões (8)
 - ▼ **Tecnologia no processo de ensino-aprendizagem**
 - ▷ Tecnologia e Humanização: Um Diálogo Possível (6)
- Pedagógica**

Uma ferramenta que revela a nossa concepção

“Viver é afinar o instrumento, de dentro prá fora, de fora prá dentro” - Walter Franco

A EaD tem uma proposta bastante diferenciada: aprender em colaboração no ambiente online, com foco na aprendizagem que acontece enquanto os alunos-educadores constroem ativamente os conhecimentos.

Além de cuidar do suporte tecnológico do CEMEAD, Andrea Oliva atua na formação dos tutores. É ela quem os ensina a manusear a plataforma para que eles possam, ao longo dos cursos, inserir vídeos, textos, links e criar fóruns, além de outras ferramentas utilizadas para avaliar, validar ou invalidar atividades, mediar e dar devolutivas.

Os cursos do CEMEAD duram um semestre e seguem a organização do calendário escolar. Depois de acessar a plataforma, o aluno-educador encontra as atividades do curso do qual é participante. Cada curso possui, em média, oito atividades e cada uma delas fica disponível para realização por 15 dias.

Outra ferramenta disponível para ajudar os alunos-educadores em seu aprendizado é o Manual do Aluno, área da plataforma com tutoriais e orientações sobre participação nos fóruns, configurações, além do passo a passo para que o aluno possa acessar o ambiente virtual e aproveitar ao máximo a navegação. O Manual do Aluno traz ainda os principais decretos e leis que regulamentam o CEMEAD.

Para Andrea, contudo, o foco de todo esse trabalho está muito centrado nas devolutivas das atividades realizadas pelos alunos-educadores: *“O tutor é a pessoa responsável pela interação direta com o aluno-educador e nesse processo, a comunicação é primordial, pois leva os alunos-educadores a pensar e a buscar conhecimento”*.

O aparato técnico funciona com a ajuda do suporte administrativo-pedagógico, oferecido aos alunos-educadores, e que faz com que a estrutura do CEMEAD assuma, ao mesmo tempo, caráter orgânico e concreto.

“Oferecemos o primeiro atendimento e contato com o CEMEAD, fazemos a ponte entre os profissionais que estão lá na escola, professores, coordenadores, gestores, e a equipe de tutoria e coordenação dos eixos”, explica Flávia Aparecida Ferretti de Lima, uma das responsáveis por esse suporte.

Para sua parceira de equipe, Regiane dos Santos Costa, algumas dúvidas esclarecidas revelam o quanto o aluno-educador está envolvido no CEMEAD, sobretudo pelo desejo de busca de conhecer ainda mais a ferramenta e de utilizá-la em todas as suas possibilidades.

“Além disso, o suporte administrativo-pedagógico realiza o acompanhamento das atividades através da elaboração de relatórios e certificados ao final dos semestres e organiza documentos internos. Também acompanhamos as inscrições nos cursos, realizamos contatos telefônicos com os alunos-educadores, e ainda há o atendimento presencial. Assim, buscamos realizar um atendimento mais humanizado”, explica Regiane.



Tutoria com dedicação exclusiva

A dedicação humanizada e exclusiva no atendimento aos alunos-educadores busca no respeito ao tempo de vida dos alunos, incentivar e impulsionar a trajetória profissional de cada participante.

“A nossa proposta de humanização no atendimento é uma das ações que mais impactam na permanência dos alunos. O fato da formação ser remunerada não asseguraria a frequência se não tivéssemos optado pela atenção personalizada que oferecemos aos nossos alunos”, destaca a coordenadora-geral Clarice Simplício de Lacerda.



Andreia Gomes observa que a afetividade e o acolhimento são características importantes para a participação e o desenvolvimento integral dos participantes.

“Trazemos como meta a frase “nenhum aluno a menos”, ou seja, a gente busca a cada encontro se comprometer ao máximo com o aprendizado do nosso aluno. Fazemos o nosso melhor para que esse professor se sinta acolhido e compreendido em suas necessidades. Quando o professor deixa de realizar alguma tarefa ou não compreende bem o objetivo da atividade, entramos em contato e dialogamos para poder ajudar no que for preciso. Em geral, esse acompanhamento acontece por meio da plataforma, mas também, são realizados atendimentos pelo telefone ou presencialmente quando necessário”, esclarece a assessora do CEMEAD, Regina Aparecida Fernandes Basto Alves.

Romper a barreira do virtual e aproximar as pessoas

*“Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em
Taipé” - Gilberto Gil*

A coordenadora do Eixo Natureza e Sociedade, Eliane de Siqueira, acredita que a mediação dos conteúdos junto aos alunos-educadores é importante destaque do Programa para romper a barreira do virtual e aproximar as pessoas. Essa aproximação é essencial para os saberes do eixo Natureza e Sociedade que vão além dos aspectos naturais.

“Quando está fazendo determinada atividade, o aluno-educador não está sozinho; ele tem apoio e suporte permanente dos tutores, o tempo todo”, observa a coordenadora Eliane. Para ela, uma das características essenciais do CEMEAD é o olhar para a relação entre as pessoas.

Buscar a melhoria em todos os espaços é um grande desafio e isso também inclui o virtual, como ferramenta de sensibilização.

Para o tutor Welton Ricardo de Assis Araújo a adaptação dos alunos-educadores ao ambiente virtual e a forma de difusão da informação, de modo a transformá-la em conhecimento, foram as principais demandas que surgiram logo que os cursos tiveram início.

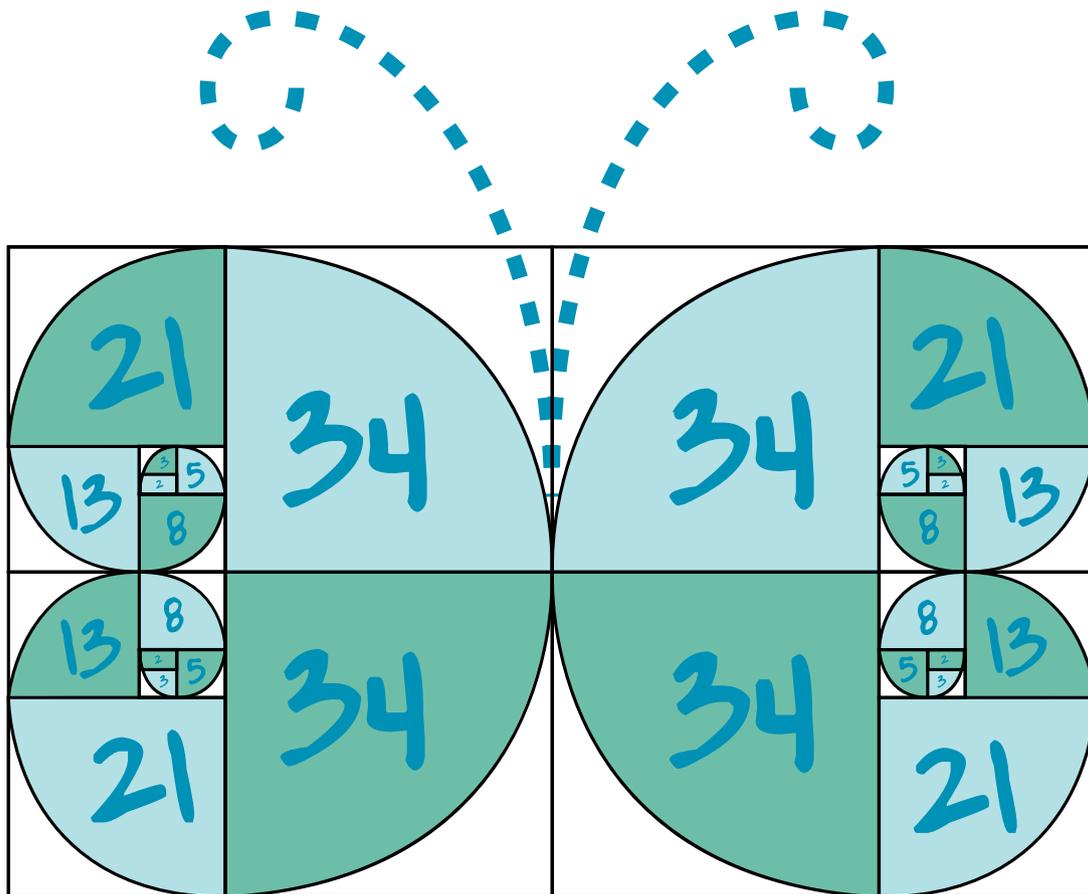
“Passamos por uma transformação. Como professores, viemos de uma cultura de formações presenciais e percebemos que, aos poucos, ensinar e aprender a distância torna-se algo bem comum e natural”, observa Welton.

Superadas as possíveis barreiras de relação pessoal e a ideia de “frieza” das máquinas e da tecnologia, a meta que a equipe do CEMEAD persegue é proporcionar a mesma qualidade que se tem nos cursos presenciais também em EaD, conforme enfatiza o tutor Welton: *“Os equipamentos de informática são grandes aliados. A tecnologia pode nos ajudar a otimizar serviços, tempo, preservar e economizar recursos”.*

A maneira como a mediação acontece no CEMEAD e o modo como os tutores interagem com o aluno-educador, a constante motivação, as orientações, as devolutivas personalizadas, tudo isso faz do CEMEAD um modelo inovador de educação a distância.

Esse aspecto ficou evidente para Daniele Araujo Brum, que mesmo na qualidade de aluno-educador, pouco antes de se tornar tutora, já tinha percebido que havia “vida” nas devolutivas e ficava feliz em saber que tinha chamado a atenção dos tutores.

“Logo no primeiro curso que fiz, me identifiquei com as práticas e quis me tornar tutora para escutar e mediar. Ensinar representa um grande crescimento para nós também, porque ao mesmo tempo em que formamos os alunos-educadores, formamos a nós mesmos, crescemos com esse aprendizado de mão dupla”, vibra a recém chegada tutora.



E eu, o que faço com esses números?

Outra recém-chegada e ex-aluna do eixo O educando e a Linguagem Matemática, Lucélia Bento Maio conta que atuar no CEMEAD tornou-se uma realização pessoal.

“Acompanhar a evolução e o desenvolvimento dos alunos-educadores é muito significativo. Já tive a oportunidade de realizar uma graduação em EaD e posso afirmar que a nossa tutoria é especial porque é personalizada e humanizada.

Quando você lê uma devolutiva, você sabe que ela foi feita para você. Dessa maneira, nos sentimos confiantes para aprofundar pesquisas e práticas da escola”, declara.

A tutora Elzi Teixeira Barbosa destaca as vídeo-aulas disponíveis aos alunos-educadores como um dos diferenciais do eixo, maneira com a qual o grupo exemplifica os conceitos teóricos, bem como as estratégias metodológicas.

“Trabalhamos muito com a perspectiva de resolução de problemas, demonstrando de maneira lúdica os conceitos e as diversas maneiras de propor o ensino desses temas, sempre buscando a contextualização e sua utilidade prática. E o impacto dessa ação para os professores e seus alunos é maravilhoso”.

O depoimento de Elzi faz muito sentido. Basta uma singela observação cotidiana para perceber que o mundo é repleto de matemática. Na natureza, por exemplo, a sequência Fibonacci, padrão numérico presente em diversos seres vivos, inquieta e sustenta o requinte misterioso da existência. No dia a dia, signos e operações são utilizados na mediação de distâncias, nas transações financeiras, na elaboração de uma receita ou na organização de objetos.

E é por meio desse pressuposto que as tutoras do eixo O educando e a Linguagem Matemática propõem um passeio pelas diferentes possibilidades de ensinar, aprender e se encantar com os números.

“Logo na primeira aula, propomos uma atividade de resgate de memória sobre a trajetória estudantil dos alunos-educadores, assim, podemos compreender melhor as necessidades de todos. Muitos apresentam certa resistência à matemática, por terem vivido experiências negativas na infância”, explica a coordenadora do eixo Vanessa Sena de Paula.

Vanessa explica que um dos desafios dos cursos do CEMEAD é promover uma proposição interdisciplinar aos alunos-educadores que são especialistas.

“Com a chegada dos alunos de Educação Física, Artes e Línguas Estrangeiras, temos buscado nos aprofundar em novas pesquisas e parcerias com tutores de outras áreas. É uma alegria enorme ver esses profissionais levando para as suas práticas atividades e reflexões para além da sua área de conhecimento”.



Foto: Vanessa Guedes



“Estamos sempre dispostos a ajudar. O contato dos professores-cursistas conosco pode ser feito por mensagem ou telefone, e tem pessoas que vêm até aqui para nos conhecer, porque querem saber quem somos. A maneira como avaliamos é um dos nossos diferenciais, pois aproxima as pessoas”.

Fabiana Soares, tutora do eixo Educação Inclusiva



Reflexões, trajetórias profissionais, novas formas de ensinar e de aprender num espaço de colaboração, criatividade e integração das tecnologias digitais. O CEMEAD representa a concretização de uma das potencialidades dadas pelo avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e pela consolidação da internet, no sentido de tornar viável a solução de problemas relacionados à formação continuada e permanente de profissionais das escolas de Educação Básica.

É oportuno destacar a relevância da Educação a Distância dos ambientes virtuais de ensino e de aprendizagem, que favorecem as múltiplas interações que acontecem de forma diversificada e intensa, potencializando a (re) construção do fazer pedagógico.

É na troca de informações e experiências que surgem novas referências, instigando aos participantes de uma comunidade virtual de aprendizagem a articular os diferentes pontos de vista e a buscar novas compreensões.

O compartilhamento com os pares, os questionamentos, reflexões e sentimentos relacionados à própria vivência durante a formação permitem a construção de vínculos de companheirismo e de parceria entre os participantes, fortalecendo, com isto, uma maneira colaborativa de aprender.

Vale ressaltar que a constituição de um trabalho colaborativo, compartilhado e coletivamente significativo, em que um pode aprender com o outro, não se dá numa atividade puramente intelectual e impessoal. Nesse tipo de trabalho, as pessoas expõem suas limitações (provisórias) e

suas potencialidades. Ocorre o confronto de ideias, o exercício da tolerância e a convivência com os diferentes, o diálogo com o outro e consigo mesmo.

O desenvolvimento de práticas colaborativas requer das pessoas envolvidas abertura para ouvir (sem pré-conceitos), bem como humildade para reconhecer as próprias limitações e o desejo de superá-las. Por isso, as atitudes devem ser carregadas de valores, tais como, respeito, reciprocidade e confiança, de modo que a rede de internet possa constituir-se também como uma rede humana de aprendizagem.

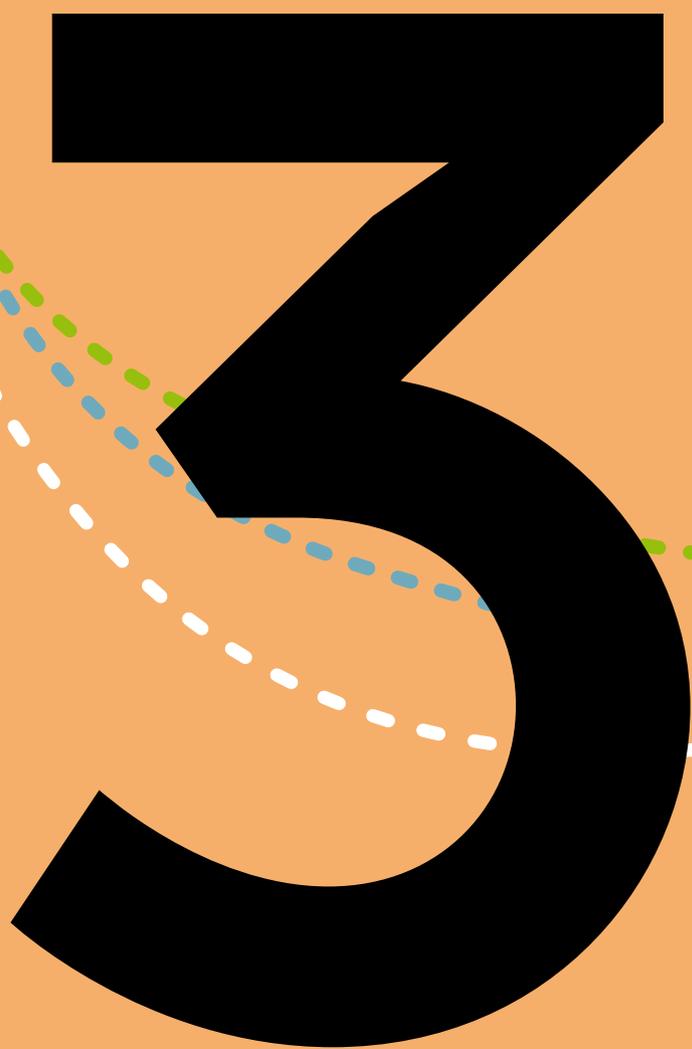
Nesse sentido, o universo da EAD deve dar enfoque à escola digital, inclusiva e democrática, a formação permanente do educador e sua valorização profissional, bem como, a gestão pedagógica, a avaliação, o papel da tutoria.

Maria Elisabette Brisola Brito Prado

Professora do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Universidade Anhanguera de São Paulo e Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Informática aplicada à Educação – NIED da UNICAMP.



Foto: Yve de Oliveira/SE



O fazer e o pensar
sobre o fazer



A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,

que puxa válvulas, que olha o relógio,

que compra pão às 6 horas da tarde,

que vai lá fora, que aponta lápis,

que vê a uva etc. etc.

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros



O fazer e o pensar sobre o fazer

Reinventar a formação de professores e transformar as condições de trabalho docente, na qual o professor é sujeito do seu trabalho. Ao promover a ruptura entre a teoria e aquilo que é legitimamente criado e concretizado em sala de aula, o CEMEAD transforma a formação contínua dos professores e coloca em foco a práxis como objeto de pesquisa.

Esse método é de extrema importância para que os alunos-educadores possam lançar novo olhar sobre suas práticas. José Cerchi Fusari, professor da Universidade de São Paulo, acredita que o que contribui efetivamente para uma prática pedagógica diferenciada, crítica, reflexiva e revolucionária é uma excelente formação teórica.

“Na escola, o Projeto Político-Pedagógico é a mola propulsora da formação em serviço. É ali no coletivo que os professores discutem e problematizam, levantam hipóteses sobre os dilemas do ensino e da aprendizagem,

investigam os motivos pelos quais um aluno aprende determinado conteúdo e outro não, em quais circunstâncias o aprendizado ocorre, e observam como lidar com os saberes prévios que esses alunos trazem de fora da escola”.

Para o professor Fusari, o desafio imposto a todos os envolvidos nesse processo é compreender a essência do trabalho dos educadores. Para o coordenador pedagógico, esse desafio assume as dimensões da clareza conceitual e teórica da formação contínua e em serviço dos professores.



E nas nossas escolas, como isso acontece?

Maria do Carmo Sartório, coordenadora pedagógica da EPG Felício Marcondes conta que as formações em hora-atividade são pautadas pelas demandas da Secretaria de Educação e também por apontamentos realizados pelos professores.

“Um dos temas indicados pelos professores foi a indisciplina. Selecionei a referência bibliográfica disponível na unidade escolar, vídeos e publicações. Fundamentada teoricamente, iniciei o diálogo com a equipe, remetendo sempre ao PPP na busca de propostas com a equipe”.

Ao refletir sobre o modo como os estudos propostos pelo CEMEAD subsidiam teoricamente sua prática, Maria do Carmo devolve o questionamento: *“De qual escola estamos falando? Quando releio Foucault e busco entender as questões do controle ou quando identifico a questão da reprodução do capital cultural de Bourdieu, a clareza de como as coisas se dão favorece a problematização das propostas e o esclarecimento ao grupo do que podemos e devemos tentar fazer diferente”.*

Para a coordenadora Maria do Carmo, o curso lhe proporciona uma leitura crítica da escola: *“Uma das iniciativas que auxiliou na ressignificação das práticas foi o reaproveitamento do espaço das*

refeições. Estamos incentivando a autonomia dos educandos; ali, eles se alimentam e depois utilizam o espaço da escola com os recursos disponíveis, como mesa de pebolim, futebol de botão, cantinhos e espaço livre, e se divertem de acordo com seus interesses”.

Sobre falar e ouvir

E na sala de aula? Como potencializar a interação com os alunos? A formação da identidade por meio da linguagem oferece formas de comunicação em diferentes contextos, com diferentes pessoas.

“Língua e identidade, diversidade linguística e o entendimento da variação como cultura são alguns dos saberes construídos ao longo do curso”, explica a coordenadora do eixo comunicação e expressão, Patrícia Cristiane Tonetto Firmo. A coordenadora enfatiza que um dos desafios dessa proposta é buscar a interação entre professores e alunos, esclarecendo questões importantes como variedade linguística.

“Trabalhamos as características do gênero literatura de cordel por meio de vídeos, áudios e textos. Em seguida, pedimos aos alunos que realizassem a produção da escrita”, explica a professora Andreia da Silva Pacheco da EPG Dorival Caymmi.



A proposta, que também envolveu os alunos-educadores Vanessa Cristine Gomes da Silva e Priscila Tomaz Ramos, procurou incentivar os educandos(as) dos 5º anos à produção livre e criativa de isografias e literatura, o que deixou a professora Andreia impressionada com o trabalho dos educandos(as), sobretudo o da educanda Brenda dos Santos Maia, de 11 anos.

“Num certo dia naquele sertão, seu José passou mal, e naquele meio do Sertão, onde iria achar um hospital?”. Brenda se inspirou na história de superação do Cão Coragem, série de desenho animado norte americano, para criar a história de dois personagens, seu José, de 89 anos,

que é casado com dona Maria, de 75 anos. Ambos vivem num lugar ermo, com poucos recursos e passam por muitas dificuldades: *“Seu José acaba morrendo por causa de uma forte gripe”*, conta Brenda.

A tutora Suzele Ribeiro de Lima observa que a língua é expressão cultural e identidade de um povo de uma região de um determinado local: *“Quando você começa a entender o quanto da nossa cultura, da nossa história tem por trás de uma variação linguística, o respeito é muito maior”*, aponta.

Algumas atividades específicas, como o resgate histórico individual do aluno-educador, trazem a reflexão sobre o preconceito:



A voz do corpo

“O professor, por meio de um resgate de sua própria história, reflete sobre a língua, enquanto constituição de sua identidade e entende a importância de lidar com as diferentes linguagens dos alunos”, esclarece a tutora Juliana Portella de Freitas.

Oralidade, leitura e escrita, gêneros textuais; todas essas manifestações linguísticas estão a serviço da comunicação e ela, por sua vez, é uma ferramenta para a interação na qual o professor tem papel fundamental como mediador de conhecimentos.

Quando a comunicação não flui, cabe ao educador buscar a fina sintonia e promover outros meios de estabelecer a comunicação, como exemplo, aproximar-se do repertório do aluno para mediar o conhecimento.

Na medida em que é desenvolvido o curso, são fomentadas mais discussões, mais aprendizados e, assim, a reconstrução permanente do curso dá a dinâmica vital do aprendizado.

Silvia Bernardo de Souza Silva e Patrícia Chaterine Fernandes, ex-alunas do curso e, agora, tutoras do eixo, somam conhecimentos à equipe. Elas apresentam, neste momento, as experiências, as práticas, a fim de dar a devolutiva importante para a continuidade e excelência do curso.

“Seguindo o QSN, procuramos desmistificar esse olhar que separa corpo e mente. O corpo é a nossa ferramenta de comunicação com o mundo. Com ele recebemos e transmitimos informações antes mesmo da linguagem oral, expressando emoções, sensações, sentimentos, entre outros”, explica Sergio Henrique de Santana, coordenador do eixo Corpo e Movimento.

O curso busca ressaltar a importância do corpo no desenvolvimento e aprendizagem plena do indivíduo, refletir sobre a linguagem do brincar no processo de ensino- aprendizagem do educando e entender a linguagem corporal como forma de comunicação expressão.

O professor, na prática das atividades do curso, resgata seu passado e, assim, pode refletir sobre sua infância, suas brincadeiras e trazer para a sala de aula novas propostas.

“Se o brincar por brincar já proporcionou experiências e marcas na vida do cursista, porque o brincar com intencionalidade não pode favorecer também?”, questiona a tutora Marília Horta Frasca.

As brincadeiras e a inquietação fazem parte do comportamento das crianças e, por vezes, na sala de aula é entendido como bagunça. A tutora Patrícia Macieira de Souza esclarece sobre a questão:

“Acaba-se ‘forçando’ muito o educar o corpo para ficar imóvel, sentado na sala de aula, então em qual momento as crianças vão correr? E daí, quando correm, a atitude acaba sendo vista como indisciplina. É preciso respeitar sua condição biológica, a necessidade de mexer o corpo, de se expressar”. Para a tutora, o curso oferece aos professores essa oportunidade de entender diferentes linguagens ampliando o olhar sobre o que significa disciplina.

“Sempre trabalhamos com as crianças na perspectiva do lúdico, por meio de brincadeiras. Na questão da lateralidade, por exemplo, utilizamos músicas do cancionero popular, como a do Jacaré, e as crianças aprendem com a personagem a olhar para o lado direito ou esquerdo. Usamos também os trejeitos das coreografias, e, assim, elas desenvolvem a coordenação motora e constroem conhecimentos importantes para a vida”, esclarece a cursista Sonia Maria dos Santos, Professora de Educação Infantil.

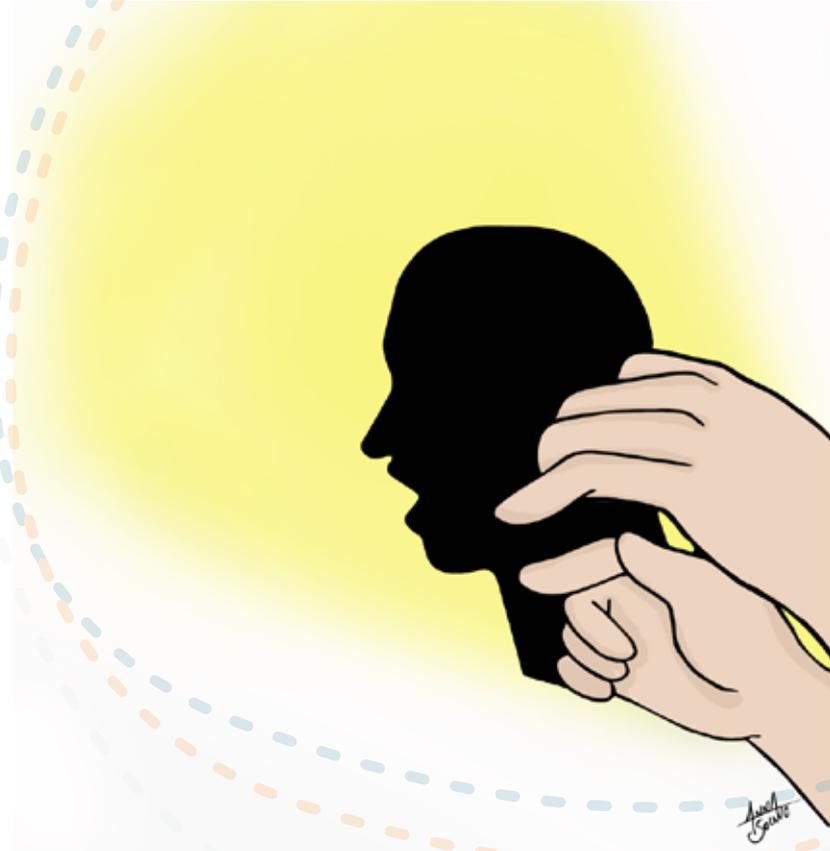
Os alunos-educadores também são estimulados a repensar as dificuldades que encontram nas escolas:

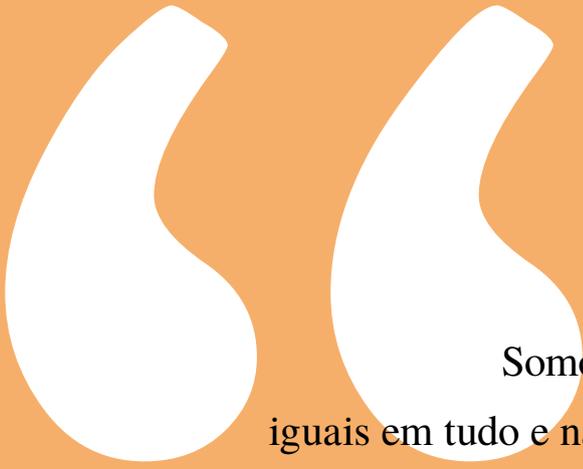
“Nas devolutivas, os alunos-educadores, às vezes, trazem questões como: ‘minha escola não tem quadra, não tem pátio, então não dá’ Será que não dá? Quais as alternativas? A gente não oferece a

receita pronta, sabe, mas propomos uma reflexão sobre como reorganizar tempos e espaços”, informa Marília.

Antes de começar os cursos, a organização dos tempos e espaços para alcançar os objetivos de aprendizagem dos alunos também era uma das preocupações do professor de Educação Física Hélio Domingos da Silva. Quando vai para a sala de aula, ou melhor, para a quadra, Hélio precisa saber o que vai realizar com os alunos. Portanto, o planejamento é fundamental.

“Os cursos do CEMEAD têm causado algumas mudanças no meu modo de enxergar os meus alunos. Um deles trouxe reflexões sobre o seu contexto familiar, e isso foi importante para a mediação de conflito com os demais colegas. Geralmente, durante as aulas de Educação Física, ele apresentava um comportamento agressivo. Depois que conheci sua história de vida, mudei minha atitude, e, aos poucos pude tê-lo ao meu lado, participando da aula e interagindo com os colegas”.





Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

João Cabral de Melo Neto



Educar é impregnar de **sentido** o que fazemos a cada instante

“Uma senhora de 68 anos quer aprender a ler a Bíblia. Do seu lado, um adolescente em liberdade assistida distrai-se com seus pensamentos. Próximo aos dois, um senhor desempregado vê na escola uma porta para transformar a sua realidade. Esse é o retrato de uma sala de Educação de Jovens e Adultos”, esclarece a tutora Cristiane de Oliveira Santos Custódio.

Para atender essa demanda de forma individualizada, a tutora esclarece que é importante que o professor exerça a sua prática com amorosidade, respeitando a trajetória e os interesses de seus alunos.

“A nossa tutoria procura refletir com os alunos-educadores a importância do diálogo, com o objetivo de minimizar os conflitos geracionais, assim vamos encontrando no cotidiano do eixo, estratégias de interesse comum que possam atender as necessidades desses diferentes sujeitos”, esclarece.

A aluna Célia Vieira dos Santos Sabino conta que a sensibilização dos tutores para o exercício de prática humanizadora é uma das marcas dos cursos do Eixo EJA I.

“Os alunos da EJA veem nos professores um exemplo a ser seguido, depositam em nós, seus sonhos, planos e acima de tudo, a sua confiança. Nesse contexto, venho compreendendo que o nosso papel social seja o de perceber as suas necessidades e de propor atividades, com as quais os alunos possam falar sobre suas experiências e expressar suas habilidades”.

Atividades como o Estudo do Meio e projetos de arte também são incentivados na tutoria do curso, explica o professor cursista Miguel Carlos dos Santos.

“O professor deve sempre tentar contextualizar, buscar elementos e informações dos alunos. Os mais idosos, por vezes, ajudam a apresentar informações, são fontes vivas e testemunhas de acontecimentos que auxiliam a elucidar as aulas. Essa pesquisa com os alunos é valiosa. Na EPG Glorinha Pimentel, estimulamos os alunos a transformar o que incomodava a comunidade, então desenvolvemos um projeto de revitalização de um escadão, até então ponto de usuários de drogas. A maioria dos alunos se envolveu no

projeto e, além da pintura e plantio de árvores, pude trabalhar com eles a expressão artística por meio do grafite, alcançando assim, o nosso objetivo inicial”, completa.

Para Luiz Manoel Ribeiro, que atua na coordenação pedagógica da EJA da EPG Jorge Amado há cerca de 2 anos, o conteúdo do curso é novidade e o ajuda na mediação junto aos professores e alunos da modalidade.

“Já no módulo 3 do curso de Gestão Pedagógica, fomos convidados a produzir um artigo científico a partir de diferentes teóricos da Pedagogia. Escolhi John Dewey, cuja proposta valoriza a trajetória e vivência dos alunos e oferece possibilidades de trabalho por meio de projetos, o que faz muita diferença com as turmas da EJA”.

Para a tutora do eixo de Gestão Pedagógica, Izabel Ribeiro, a exemplo do depoimento de Luiz Manoel, a formação em horário de serviço é de extrema importância, sobretudo para ajudar os alunos-educadores nas questões que permeiam sua prática:

“Além de se constituir como valorização do trabalho docente, a formação oferecida pelo CEMEAD oferece oportunidade aos coordenadores pedagógicos de encontrar tempo para o

estudo e refletir sobre a organização de sua prática como mediador”. Para Izabel, é por meio de reflexões sobre o fazer pedagógico que os alunos-educadores passam a compreender a construção da concepção pedagógica da rede, o percurso que foi trilhado até aqui e que traduz a prática legítima das escolas.

Sem padrão e com muito amor

“Já houve muita exclusão e eu tenho certeza que vai chegar um dia em que o mundo todo será de inclusão, e isso sou eu e meus amigos que vamos fazer, vamos fazer o mundo melhorar”, reflete Fernanda Glória Porto de Araújo, de 9 anos, aluna do 4º ano da EPG Dorival Caymmi.

Para a menina, vivemos numa fase de integração, na qual as pessoas ainda estão aprendendo a tolerar e a lidar com as deficiências.

“Costumo dizer aos alunos que somos como uma bandeja de frutas diferentes, todas elas saborosas. Não teria graça uma bandeja de frutas só com maçãs, pois sem o kiwi, o morango e a laranja não conseguimos fazer uma salada de frutas”, explica a professora Daniela Santos da Silva.

Identidade, autonomia, integração, diversidade, inclusão. Essas discussões, que começaram no espaço formativo do CEMEAD e agora invadem a compreensão dos alunos, fazem parte de uma metodologia bastante recorrente na prática da docente, e favorece o envolvimento dos alunos numa proposta verdadeira e concreta de Educação Inclusiva.

Na proposta de aula, Daniela sugere uma produção textual a partir do tema: um toque entre sons, cores, cheiros e sabores, atividade multidisciplinar que concilia as áreas de Ciências e Língua Portuguesa para tratar sobre os cinco sentidos: tato, olfato, audição, visão, gustação.

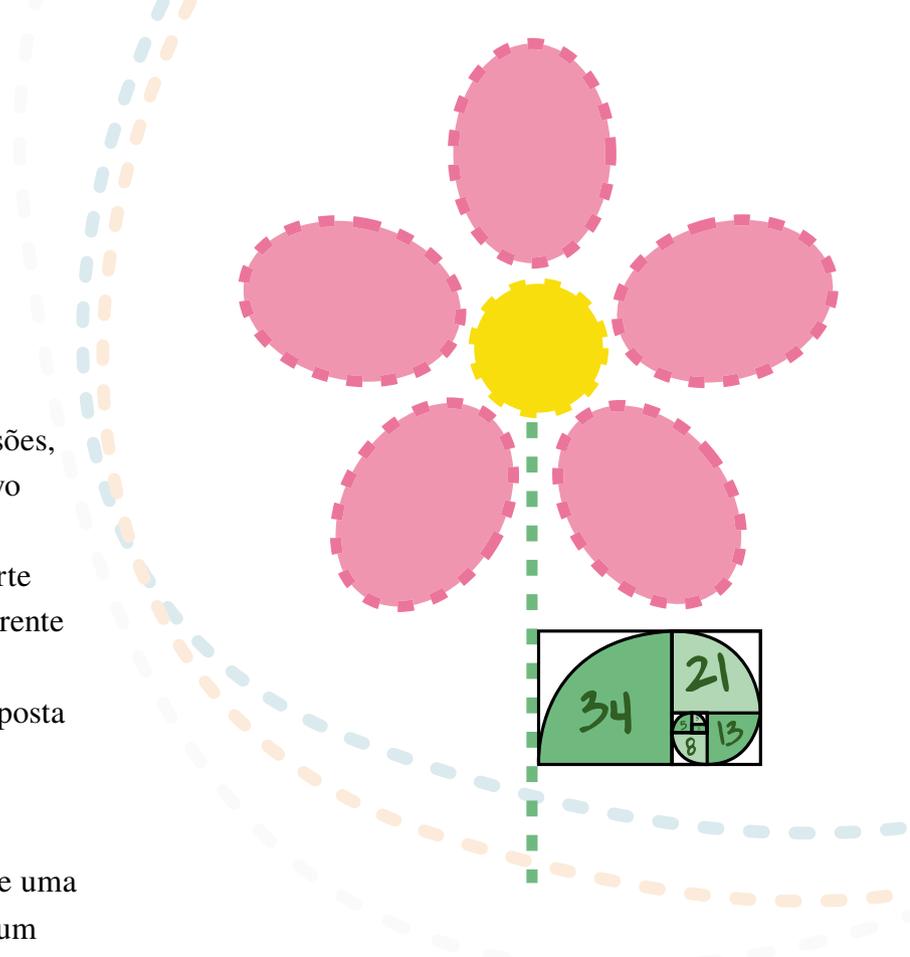
No momento em que escrevem, os alunos estão em franca fase de pesquisa de conceitos e termos para fortalecer suas ideias. A atenção deles está voltada para os objetivos do Projeto Sem Padrão, com profundas reflexões sobre a inclusão de deficientes na sociedade.

“Estamos em meio a uma grande diversidade. Cada um tem uma dificuldade diferente. No começo, Rafael mal se comunicava, a Julia é deficiente visual, o Luiz Carlos vê as letras se movendo na lousa, a Raquel veio de Matogrosso e ainda está se adaptando à escola, a Nicole está com

dificuldades para articular as palavras depois que começou a usar o aparelho nos dentes, o Everton desenha muito bem, o Cauê quase não precisa mais de atividades diferenciadas. A turma é bem heterogênea, temos bolivianos, mineiros, paraguaios, negros, brancos, uma diversidade incrível de crianças, cada uma com uma história diferente, cada uma com sua riqueza”.

Para Daniela, as formações lhe deram um leque muito grande de conhecimentos que ampliaram sua prática e a ajudaram a desenvolver um trabalho melhor:

“Sempre estive envolvida com a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e os cursos abriram novas portas e me permitiram trabalhar com a diversidade de alunos que encontramos na escola pública”.



Dia a dia, lado a lado

A EPG Martins Pena foi a primeira escola que recebeu acompanhamento da equipe técnica do CEMEAD, depois da ampliação de jornada dos Professores de Educação Infantil, profissionais que começaram o curso do CEMEAD no segundo semestre de 2016.

Como os cursos do CEMEAD estão chegando às escolas? Como os alunos-educadores estão compreendendo a proposta? Como contribuem para a prática em sala de aula? Quais são os desafios e avanços do grupo em relação aos eixos cursados?

O acompanhamento às escolas começou no 1º semestre de 2016 e tem como objetivo promover diálogos com os alunos-educadores. A iniciativa acontece quinzenalmente durante as horas-atividade, espaço para troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de informações sobre os cursos.

“Ouvimos dúvidas, fornecemos orientações importantes e conversamos sobre algumas dificuldades de acesso à plataforma, envio de atividades, prazos e horários, postagem de arquivos, entre outros”, explica a assessora Regina Aparecida Fernandes Basto Alves.



Nas demais escolas onde realizaram acompanhamento, a equipe do CEMEAD observou como os cursos estão chegando na sala de aula, como têm impactado as práticas pedagógicas dos alunos-educadores.

A equipe teve devolutivas interessantes sobre a mediação dos tutores: *“Ouvimos relatos de muita satisfação e o que nos chamou a atenção é que, no momento exato em que expandem sua percepção acerca de sua prática, o professor se sensibiliza e a ressignifica, conseguindo olhar para seu aluno e para a sala de aula de um jeito diferenciado”.*



Na EPG Zulma Castanheira, a assessora Regina aponta a interação do grupo de professores como um diferencial. No portfólio criado por eles, compartilham atividades e contribuem para a elaboração de atividades propostas pelo curso, cujas temáticas envolvem o que estão aprendendo.

“A coordenação pedagógica da escola tem uma articulação ativa e uma capacidade de escuta muito grande, elementos que facilitam o diálogo permanente entre os pares e o trabalho integrado”, observa Regina.

Ali, a equipe do CEMEAD conheceu o professor Lamartine Martins da Silva Filho, que desenvolveu com os alunos do 3º ano sequência didática do eixo Natureza e Sociedade, com a música Aquarela do Brasil, de Ary Barroso. Encantados, os alunos declararam suas impressões sobre os estudos de astronomia, ciências, matemática, artes e inglês, o que denota a concretização de um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, que envolve os professores de outras salas e turmas.

Para a assessora Regina, o acompanhamento revela a satisfação dos alunos-educadores em meio à realização de atividades: *“os debates durante os encontros nas escolas*

mostram a disposição e garra pessoais, mas revelam, sobretudo, um trabalho sistemático com o QSN e com as demais publicações que compõem o PPP da Rede, além de postulados freirianos”.

A formação oferecida nos eixos do CEMEAD tem ainda por objetivo trabalhar os saberes necessários envolvidos nas práticas educativas, com foco na formação integral das crianças. Na medida em que cursam os eixos, os alunos-educadores têm a oportunidade de ampliar seu repertório e conhecimento.

“Quando os alunos-educadores se desafiam a colocar em prática tudo aquilo que discutem nos eixos de formação, é o momento em que eles entendem a proposta. Com o acompanhamento às escolas, estamos vendo a formação integral acontecendo na prática, além da possibilidade dos professores transitarem entre os eixos e realizar novos cursos”, observa a coordenadora-geral Clarice Simplicio de Lacerda.

É com imensa alegria que, ao concluirmos a leitura dessas singelas linhas, tivemos a oportunidade de conhecer o movimento vivo e dinâmico que é a formação em serviço na modalidade de Educação a Distância, promovida pelo CEMEAD, oportunizando aos educadores o fortalecimento de sua identidade docente, sua autonomia no fazer pedagógico, histórico, político e social.

Tudo isso só foi possível pelo engajamento político-pedagógico de todos os profissionais envolvidos no processo.

Agradecemos ao Secretário de Educação Prof. Moacir de Souza, à Secretária Adjunta Prof^ª. Neide Marcondes Garcia, a todos os profissionais que atuam no CEMEAD direta ou indiretamente, em especial aos Professores-Tutores e Coordenadores de Eixos que fizeram parte dessa história, e ao legado deixado pela nossa Mestre Prof^ª. Maria Aparecida Contin.

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 71).

FREIRE, Paulo. Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1991.





Ilustração: Giuliane Almeida Cubas Lipolis

Prefeito
Sebastião Almeida

Vice-Prefeito
Carlos Derman

Secretário Municipal de Educação
Prof. Moacir de Souza

Secretária Adjunta de Educação
Prof.^a Neide Marcondes Garcia

Diretora do Departamento de Ensino Escolar
Sueli Santos da Costa

Diretora do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas
Sandra Soria

Diretor do Departamento de Controle da Execução Orçamentária da Educação
Fernando Ferraz

Diretor do Departamento de Alimentação e Suprimentos da Educação
Reginaldo Andrade Araújo

Diretor do Departamento de Manutenção de Próprios da Educação
José Severino Sobrinho

Diretor do Departamento de Planejamento e Informática na Educação
Carlos Eduardo da Silva

Diretora do Departamento de Serviços Gerais da Educação
Margarete Elisabeth Shwafati

EQUIPE CEMEAD

Coordenação Geral: Clarice Simplício de Lacerda;

Assessoria: Regina Aparecida Fernandes Basto Alves;

Coordenadores de Eixo: Ana Célia da Silva Prudente, Andreia Gomes da Costa, Djenane Martins Oliveira, Eliane de Siqueira, Marcilene de Jesus Elvira Silva, Maria Betania de Alcantara Ribeiro Silva, Patricia Cristiane Tonetto Firmo, Sergio Henrique de Santana, Silvia Piedade de Moraes e Vanessa Sena de Paula;

Professores-Tutores: Alessandra de Melo Borges Mancini, Ana Maria Martins Biggi, Andrea Alves de Jesus, Carlos Eduardo Santos Ribeiro Dias, Cintia Cristina Martins, Cristiane de Oliveira Santos Custódio, Cristiane Inocêncio, Daniele Araujo Brum, Debora Rosangela Philomeno Caputi, Dosilia Espirito Santo Barreto, Edlaine Barauna Leite, Elzi Teixeira Barbosa, Fabiana Soares, Fernanda Alves da Silva, Izabel Adriana Gomes Ribeiro Martins, Jaqueline de Oliveira Peixoto, Joana Darc da Silva, Jociene dos Santos Peixoto, Juliana Portella de Freitas, Leila Macedo Oliveira Cirino, Lucelia Bento Maia, Luciana Lima Caliente Souza, Maíara Ariana Silva Paula, Marilia Horta Frasca, Patrícia Chatherine Fernandes, Patricia Macieira de Souza, Priscila Lino Aranda, Raquel Carapello Alvarez, Raquel Guimarães de Medeiros, Samantha Carla do Nascimento Soriani, Sarita Elias Gama, Silvia Bernardo de Souza, Suzele Ribeiro de Lima, Talita de Araújo Cavalcante Correia, Talita Ingrid Costa Matos, Tatiane Campos dos Santos, Vanessa Guedes de Oliveira, Verônica Freires da Silva e Welton Ricardo de Assis Araujo;

Suporte Administrativo e Pedagógico: Flávia Aparecida Ferretti de Lima e Regiane dos Santos Costa;

Suporte Tecnológico: Andrea Oliva Freire Pereira | DPIE: Carlos Eduardo da Silva (Diretor); Cintia Aparecida Casagrande; Fellipe Domingos Mazzola Miserani Belardino; Laís Cristina Almice Alves de Oliveira; Leandro Ribeiro Prado; Pamela Marques Silva; Elvis Alves da Silva; Danillo Alves da Silva Maciel; Maira Lais Lami Alves; Camila Lima Batista Nishikawa; Carlos José Khouri de Campos; Francisco Alberto Pato Vila Coelho; Davi Melk Mazo de Carvalho; Alexandre França Pelense.

DIVISÃO TÉCNICA DE PUBLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Gerência: José Augusto Lisboa; **Criação e Design:** Anna Solano (Ilustração), Claudia Elaine da Silva e Eduardo Calabria Martins; **Fotografia:** Maurício Burim Perejão; **Administrativo:** Maristela Barbosa Miranda; **Reportagem, Assessoria de Imprensa e Revisão:** Carla Maio, Eric Shibuya e Yve de Oliveira; **Marketing e Clipping:** Danielle Andrade.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP
CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

Novembro de 2016

**PREFEITURA
DE GUARULHOS**